Revista Acervo Educacional

ISSN 2596-0288



Pedagogia hospitalar: a importância do conhecimento

Hospital pedagogy: the importance of knowledge

Pedagogía hospitalaria: la importancia del conocimiento

Eliana Witzel[1].

RESUMO

Objetivo: Apresentar uma modalidade de ensino pouco difundida e nada evidenciada nos canais de comunicação e nas pesquisas de campo, enaltecendo o papel fundamental desenvolvido pela figura do Pedagogo Hospitalar que precisa estar apto a lidar com seus discentes hospitalizados. A questão mobilizadora desse artigo, interroga: Há conhecimento por parte de pais e alunos hospitalizados em longos períodos de tempo sobre a Pedagogia Hospitalar e seus direitos? **Revisão bibliográfica:** Diante das evidências da literatura, foi encontrado raros autores que discorrem sobre o tema sendo que a Pedagogia Hospitalar ainda é de pouco conhecimento nas comunidades, porém de grande necessidade para milhares de famílias que tem seus filhos hospitalizados por longo período de tempo, como é o caso de crianças e adolescentes com câncer, mesmo sendo garantido e pautado em Lei nacional. **Considerações finais:** Diante dos resultados encontrados, a análise permitiu considerar que não existe muito conhecimento do assunto em vias de usuários e pouco estudo por parte de acadêmicos, enfim um tema que deveria ser explorado e difundido como veículo informativo aos direitos das crianças e adolescentes, no processo classe hospitalar.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar, Classe Hospitalar, Pedagogo Hospitalar.

ABSTRACT

Objective: To present a teaching method that is not widely disseminated and not at all evidenced in communication channels and field research, highlighting the fundamental role played by the Hospital Pedagogue figure, who needs to be able to deal with their hospitalized students. The mobilizing question of this article asks: Are parents and students hospitalized for long periods of time aware of Hospital Pedagogy and their rights? **Bibliographic review:** Given the evidence in the literature, few authors were found to discuss the topic, as Hospital Pedagogy is still little known in communities, but is of great need for thousands of families who have their children hospitalized for long periods of time, as is the case of children and adolescents with cancer, even though it is guaranteed and based on national law. **Final considerations:** Given the results found, the analysis allowed us to conclude that there is not much knowledge of the subject among users and little study by academics, in short, a subject that should be explored and disseminated as an informative vehicle for the rights of children and adolescents, in the hospital classroom process.

Keywords: Hospital Pedagogy, Hospital Class, Hospital Pedagogue.

[1] Pesquisadora Independente, Rio Claro - SP.

SUBMETIDO EM: 7/2025 | **ACEITO EM: 8/2025** | **PUBLICADO EM: 9/2025**

RESUMEN

Objetivo: Presentar un método de enseñanza poco difundido y poco destacado en los canales de comunicación y en las investigaciones de campo, destacando el papel fundamental que desempeña el Pedagogo Hospitalario, quien necesita ser capaz de lidiar con estudiantes hospitalizados. La pregunta movilizadora de este artículo pregunta: ¿Los padres y estudiantes hospitalizados por largos periodos de tiempo son conscientes de la Pedagogía Hospitalaria y de sus derechos? **Revisión bibliográfica:** Dada la evidencia en la literatura, se encontraron pocos autores que discutan el tema, pues la Pedagogía Hospitalaria aún es poco conocida en las comunidades, pero es de gran necesidad para miles de familias que tienen a sus hijos hospitalizados por largos periodos de tiempo, como es el caso de los niños y adolescentes con cáncer, aun cuando está garantizada y basada en la legislación nacional. **Consideraciones finales:** Dados los resultados encontrados, el análisis permitió concluir que existe poco conocimiento sobre el tema entre los usuarios y poco estudio por parte de los académicos, en definitiva, un tema que debe ser explorado y difundido como vehículo informativo de los derechos de los niños, niñas y adolescentes, en el proceso de aula hospitalaria.

Palabras clave: Pedagogía hospitalaria, Aula hospitalaria, Pedagogo hospitalario.

INTRODUÇÃO

Encontrar-se num ambiente hostil que gera ansiedade e sentimentos adversos para qualquer tipo de pessoa e em especial para as crianças e adolescentes, como é o caso da hospitalização é uma situação severa, que além de trazer a sensação de abandono ainda exprime o medo do desconhecido, pois estas pessoas, esses serres humanos passam a habitar algo totalmente novo, incomum anteriormente, local esse que contém regras com pessoas e ambientes totalmente diferentes (RIBEIRO CA e ÂNGELO M, 2005).

É importante observar com lente de aumento que os cuidados de atenção à saúde da criança e do adolescente não está apenas relacionada à questões biológicas, mas a cuidados psicológicos, sociais, físicos, mentais e espirituais (ORTIZ LCM e FREITAS SN, 2005; THOMAZINE A, et al., 2008).

Ortiz LCM e Freitas SN (2005), levanta uma questão muitíssimo interessante sobre serem seres em crescimento e desenvolvimento, mostrando que a formação cognitiva e intelectual é determinada de acordo com a forma pela qual são submetidas nessas pré-condições.

Esse artigo vem ressaltar sobre um assunto pertinente e de conhecimento de muitas pessoas que é sobre a classe hospitalar, avanços ocorrem diariamente em diversos setores, como podemos citar no da Pediatria, Psicologia e principalmente na Pedagogia, os quais transformam matrizes de pensamentos e comportamentos constantemente, trazendo à tona uma visão inovadora sobre o adoecer, com foco em aspectos psicopedagógicos, com reais finalidades de inclusão em programas e projetos de humanização hospitalar, sendo sempre aprovados e do agrado do Ministério da Saúde em consonância com o da Educação (ROCHA SM e PASSEGUI MC, 2010), sendo o óbvio o atendimento especial à criança e ao adolescente hospitalizado através da classe hospitalar.

Sendo assim surge a classe hospitalar como uma exemplar modalidade de atendimento de prestação de serviço Às crianças e aos adolescentes hospitalizados por diversos problemas de saúde, em grande maioria em casos agudos como são os de câncer, sendo parte valiosa de reconhecimento desses jovens pacientes, que afastados da vida acadêmica e privados de seus convívios diários, rotinas e permanência em comunidade, acabam fadados ao risco de fracasso escolar e possivelmente transtornados ao seu desenvolvimento (BARROS AS, 2008).

De acordo com a PNE (1994), “classe escolar” é considerado um ambiente possibilitador e facilitador de atendimento das necessidades educacionais dos discentes em níveis e graus de escolaridade básicas, porém que se encontram impossibilitados de seguirem com suas idas e vindas nas suas escolas normalmente, sendo obrigados a fazerem do quarto hospitalar ou brinquedotecas ou qualquer outra área do

hospital destinada a isso, a sua sala de aula, necessitando assim de educação especial durante o tratamento hospitalar.

De acordo com a PNE (1994), “classe hospitalar” é considerado como ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados que necessitam de educação especial e que estejam em tratamento hospitalar.

As classes hospitalares têm seus pilares baseados no artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e exprime que:

> *“a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”* (BRASIL, 1996).

Trata-se de uma revisão bibliográfica sobre a Pedagogia Hospitalar, o papel do pedagogo hospitalar e a importância das classes hospitalares, através da pergunta norteadora, realmente existe conhecimento por parte de usuários (crianças e adolescentes) que estão em fase escolar e hospitalizados e seus pais e/ou responsáveis sobre os direitos reservados em Lei? Mormente, estão sendo aplicados em conjunto com suas escolas, seus médicos, enfermeiros e psicólogos? Ou tudo não passa apenas de documentos expressos em Lei? Este estudo baseia-se em reflexões e posicionamentos de autores, poucos, que se importam com a questão e apresentam através de suas pesquisas resultados interessantes sobre o contexto. Discorreu uma breve apresentação sobre o processo doença, de como e o quanto isso afeta no processo de crescimento e desenvolvimento de alunos em fase escolar, porém hospitalizados e proibidos de frequentarem suas escolas e terem suas vidas no padrão normal, mostrou também o papel do pedagogo hospitalar, o quanto esse pensa fora da caixa, o quanto faz valer seu pensamento crítico e emancipatório e a importância da Pedagogia Hospitalar inseridas nas classes hospitalares.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Necessário se faz observar com muita clareza se o fato de crianças e adolescentes que estão passando pela fase de hospitalização está apresentando mudanças que podem interferir no processo de amadurecimento, como exemplo citado pelo autor Soares Jose L (2002), sobre uma possível dependência e perda de controle do próprio corpo.

Outro ciclo vicioso e degenerativo é o fato dessa hospitalização através do adoecimento impactar emocionalmente e alterarem a rotina dessa criança e de sua família, principalmente, levando-os à desistência do papel de construtor de suas histórias. Em tempos recentes isso tem-se tornado comum como forma de responsabilização social sob as condições de vida e necessidades gerais por parte das crianças e adolescentes incluídos nestes hospitais (FONTES RS e VASCONCELOS VMR, 2007; ROCHA SM e PASSEGGI MC, 2010).

A Psicologia se vê obrigada a realizar um esforço que transcende conhecimentos para poder atender e tratar crianças e adolescentes que estão diretamente inseridos num contexto de doenças graves e que por si só sofrem com consequências psicológicas das doenças e dos tratamentos tanto para eles próprios quanto para suas famílias que são inúmeras, porque o adoecimento não esbarra no doente e para por ali, mas, sim, continua a crescer através da hospitalização, ao passar pela porta da unidade Hospitalar, em suas casas, comunidades, etc. (CASTRO EK, 2007).

O 1º modelo de classe hospitalar, no Brasil, foi adotado em 1950, chamada Classe Hospitalar Jesus, na época vinculada ao Hospital do Rio de Janeiro, Municipal Jesus, sendo uma das oitenta classes representadas no 1º Encontro Nacional sobre Atendimento Escolar Hospitalar que ocorreu no ano de 2000 na URJ (Universidade do Rio de Janeiro), com a coordenação da professora pioneira no assunto Dra. Eneida Simões da Fonseca (FONSECA ES, 2003).

Somente passados 50 anos desde a criação da primeira classe hospitalar, foi quando documentos foram firmados normatizando e reconhecendo realmente a classe hospitalar, inseridos no contexto da Educação Especial e, mais recentemente, da Educação Inclusiva. Sendo assim, o crescimento é evidente, e após 2008, atingiu-se o marco de uma centena delas (FONSECA ES, 2008).

Segundo Rejane SF (2005) definir Pedagogia hospitalar é trazer à tona questionamentos ilimitados sobre a função de educador e principalmente de como esse se apresenta na experiência professor no hospital. É aqui que conseguimos analisar a formação desse valiosíssimo profissional em vias de aprendizagem genérica, aquela aprendida em livros, aquela básica, tradicionalista, onde sua classe é a classe convencional ou a não-classe, aquela fora do comum, aquela pensada “fora da caixa”. É daí que se parte o questionamento se esse profissional é capaz de atuar com crianças num ambiente totalmente hostil, diferente.

É necessário entender que a Pedagogia Hospitalar não é uma proposta tradicional, não só pelo fato de não se dar no cotidiano tradicional, mas num ambiente hostil, diferenciado, imperfeito, porém que se faz muito mais desafiador buscar alternativas para a construção de conhecimentos no intuito de contribuir para o bem-estar da criança enferma (FONTES RS, 2005).

Trabalhar as duas vertentes que dividem o espaço lúdico da criança tanto no primeiro estágio dela hospitalizada quanto do segundo é obra desafiadora para qualquer pedagogo escolar que tenha no mínimo, o máximo de entendimento de suas funções e o aumento por lentes de mil por cento de paixão pelo que se faz ao seu jovem aprendiz. No primeiro instante acionar o lúdico como canal de comunicação com a criança hospitalizada, fazê-la esquecer, mesmo que por alguns instantes todo aquele evento brusco, na tentativa de resgatar emoções agradáveis vivenciadas em momentos divertidos são contribuições positivas das atividades pedagógicas, porém que nem sempre são satisfatórias, tornando o ambiente estressante, irritando-a e fazendo com que ela não experiencie, não reflita e não aprenda. Já numa segunda etapa, a qual trabalha o formato lúdico, porém em vias de explorar o conhecimento, essa desmistificação passa a ser critério desafiador para a criança em questão, ela passa a ressignificar atos e costumes, momento em que o seu medo, a sua paralisação, a sua resistência começam a perder força, dando espaço para a intimidade com o próprio profissional e consequentemente com o ambiente em que ela passará por algum tempo (FONTES RS, 2005).

Progredindo nessa visão necessário se faz ressaltar a grande importância que a pedagogia hospitalar abrange além da simples escolarização a crianças e jovens que se encontram hospitalizados, mas destacar com honras e méritos o quanto ela incorpora dentro de uma renovada dinâmica educativa (FONTES RS, 2005).

É evidente que os defensores da pedagogia hospitalar não se restringem apenas ao convencional, trazer cartilha e buscar na sua escola o que vem sendo ensinado, eles querem muito mais, como é o caso da professora Regina Taam, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), que sugere algo que vai mais além, que levanta questionamentos inseridos em tempos, espaços hospitalares e no próprio contexto, e não o “transplante” da escola para o hospital. Segundo essa autora (TAMM R, 1997), é urgente e emergente a construção do vínculo “pedagogia clínica”, termo que ela utilizou em seu artigo publicado na *Revista Ciência Hoje*. Com instrução e sabedoria, ela está determinada em defender em seus estudos através do embasamento científico na teoria do médico francês Henri Wallon (1879-1962), Taam R (2000), levantando a bandeira de que o conhecimento contribui para um bem estar global da criança enferma, porém não o reconhece no tesouro curricular ensinado nas escolas, este é apenas um “efeito colateral” assim ela chamou, de uma ação que visa à recuperação da saúde, ou seja, primeiro vem o bem-estar físico, emocional, mental, depois o intelectual.

Segundo a cartilha do MEC (2002) o objetivo das classes hospitalares é o de ser um conjunto de estratégias criados para elaborar e fortalecer o acompanhamento pedagógico e educacional no seu processo de desenvolvimento e também na construção do conhecimento de nossas crianças e adolescentes, em fase escolar, mas que por hora encontram-se impossibilitados de frequentarem o espaço

normal de uma classe escolar, a sua escola pública ou privada, mas que têm por direito em Constituição serem atendidas em ambiente hospitalar por profissional capacitado dando continuidade aos seus estudos de forma positiva e garantida em Lei, mantendo ao máximo o poder do currículo flexibilizado, com garantias de retomar a qualquer momento ao seu grupo escolar de origem, priorizando a atenção integral.

Ferreira ES e Pessoa ACRG (2023) discorre sobre as Leis da Pedagogia Hospitalar existirem desde 1969, porém há divisão de partes distintas e opostas entre teoria e prática ficando de um lado os poderes públicos inanimados em fazer valer o que exibe as leis, decretos e todo tipo de documento que assegura essa modalidade de ensino e de outro a população vendada e rendida acerca desses dispositivos legais, gerando assim lacunas capazes de imobilizar qualquer tipo de ação em prol de alunos hospitalizados.

De acordo com Matos ELM e Mugiatti MMTF (2009), a pedagogia hospitalar tem como objetivos, a orientação, acompanhamento e administração à educação de grupos incapacitados de frequentarem à escola normalmente, devido a problemas de saúde e com base estritamente no currículo delas de não interromperem e se sentirem desprovidas em relação aos demais alunos, sendo assim desenvolvido hospitais pediátricos que foram implantados ações pedagógicas convergentes a estimular e dar continuidade aos estudos no intuito de não abandonarem o curso natural do ano vigente, não se tornarem repetentes e jamais interromperem o ritmo de aprendizagem, assim, impactando, diretamente na recuperação de sua saúde.

De acordo com Matos ELM e Mugiatti MMTF (2009), a pedagogia hospitalar tem como objetivos, a orientação, acompanhamento e administração à educação de crianças e jovens incapacitados de frequentar a escola por motivo de saúde e foi pensando no currículo delas, com a convicção destas de não interromperem sua trajetória de aprendizagem, que hospitais e enfermarias pediátricas implantaram ações pedagógicas que se referem a estímulo e continuidade dos seus estudos a fim de que não percam seu curso e não se convertam em repetentes, ou venham a interromper o ritmo de aprendizagem, assim, dificultando, consequentemente, a recuperação de sua saúde.

Já para Santos RBG, et al. (2019) a pedagogia hospitalar inclina-se para um aprendizado atuante fora do espaço escolar, que enseja desafios, possibilitando a construção de conhecimentos e atitudes inéditos, dando destaque para a figura do pedagogo que se torna um profissional que deve romper com qualquer tipo de barreira e encarar os espaços alternativos de escolarização.

Em relação à figura do pedagogo hospitalar, Libâneo JC (2006) diz que o pedagogo é um profissional inserido numa atmosfera inerente ao seu discente, enfrentando sujeitos na sua formação, tanto em instituições de ensino ou mesmo em outro lugar. E, isso, em especial, jamais implica em fugir da rotina de uma classe regular, sendo o público-alvo, qualquer que seja, discordante ou não do primeiro que é o tido como o “natural “ou “normal”.

Ferreira ES e Pessoa ACRG (2023) pontuam sobre a qualidade de formação desse pedagogo hospitalar, ele deve não só estar preparado para desenvolver seus conhecimentos como deve apurar cada sentimento de seus discentes. Em função disso percebe-se cada vez menos formandos inseridos nesse ramo da Pedagogia, pois os mesmos não se acham capacitados para lidar com um público tão diferenciado.

O pedagogo hospitalar precisa se desafiar constantemente e além disso deve saber que seu espaço vai muito além de uma brinquedoteca, transcende a disciplinaridade falada por Domingues I (2001) que refere entre as áreas e saberes que ocorre com a pedagogia e os demais profissionais da área da saúde como situações que nos fogem do conhecimento ou da rotina, seja ela em comum, frequentadas diariamente ou exclusas. Além de sugerir algo muito mais intenso entre disciplinaridade, ainda permite pensar “fora da caixa”, permite abalar, construir, desconstruir, cruzar, descruzar, misturar cores e efeitos, é uma superação diária, que vai além de qualquer currículo pronto. Não basta a divisão, a matemática, o certo, o correto, o exato entre (Inter) disciplinas) diferentes, reconhece muito mais além (multi) se faceteiam, se recortam e se colam num grande mural de expectativas, trabalham seus diferentes aspectos, buscam e discutem modos de enxergar não óbvios, porém cada um resguardando suas fronteiras e ideologias e ficando assim –

maiores ou menores - intocadas e inanimadas. Regulam-se entre si, num compasso, num mecanismo regular, um relógio, onde o seu depende do meu e vice-versa.

Fonseca ES (2003) ressalva a observação da boa relação das classes interdisciplinares do ambiente hospitalar em que só traz benefícios para alunos e família, pois afigura desse pedagogo hospitalar auxilia os profissionais da saúde nas decisões elementares e condiz com atitudes observatórias positivas para a efetividade dos pacientes.

Expor o processo de direito dessas jovens crianças e adolescentes adquiridos frente à Pedagogia desenvolvida intra hospitalar, é importante fazer ressalvas sobre o preparo que o Pedagogo Hospitalar deve ter para enfrentar com essas advertências, e entender o que Vygotsky LS (2002) observa sobre o processo libertador dos processos de origem biológica e as funções psicológicas superiores de origem sociocultural, sendo assim Santos RBG, et al. (2019) concluiu que o indivíduo interage no meio ao qual está inserido, pois é preciso considerar suas condições físicas, psicológicas e emocionais.

Foi enriquecedor permitir considerar na revisão da literatura que existe pouco conhecimento explanado e procurar buscar de forma suscinta o que autores renomados e Leis e Diretrizes traziam sobre o assunto, ficando claro que o processo está inserido no papel, mas não praticado no cotidiano. Pensar o processo de Pedagogia Hospitalar em diversos níveis como o de ser parte integrante da Pedagogia, o de haver preparo e desenvolvimento suficiente do pedagogo hospitalar, a aplicação da interdisciplinaridade, o processo doença e melhora através das práticas pedagógicas, o fato de ser pautado em Lei, estar expresso em muitos documentos, mas ser realmente pouco praticado nos leva a crer que mais divulgação deve haver por parte de educadores, de estudiosos da área e de famílias fazendo valer seus direitos. O levantamento feito acerca do assunto ainda tem espaço para futuras provocações para que estudantes de Pedagogia venham a ter mais conhecimento e desenvolvimento das estruturas curriculares, agradando Vygotsky quando ele fala da “pedagogia do desenvolvimento”, a qual substitui a noção clássica da psicologia, aquela que não trata de se pensar na articulação entre inteligência e emoção, mas como defende Ceccim RB (1998), sobre *“o campo das construções cognitivas é o campo de atualizações dos afetos e da convocação subjetiva às aprendizagens de natureza complexa”*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os motivos pelos quais se justificam essa revisão de bibliografia acerca do tema da Pedagogia Hospitalar é exatamente porque falta informação, sobra Lei, Normativa e Diretrizes e possui déficit na execução destas por parte de pais e mães que lidam com situações extremas nas quais estão inseridos seus filhos, sendo eles crianças ou adolescentes, como por exemplo, os casos citados nos artigos revisados, sobre pacientes com câncer, pois é importante explorar com o máximo de visibilidade a maneira que vem sendo discutido e defendido o direito das crianças e adolescentes em estado nosocomial, o pouco entendimento que estas pessoas têm de reais direitos impressos em Constituições, o diálogo referido sobre o papel do pedagogo escolar em vias de atuar fora do ambiente convencional, no caso, o hospitalar, o enfrentamento complicado ao lidar com equipes multidisciplinares, a decisão e coragem de realmente criar uma pedagogia exploratória e emancipatória, o poder de dialogar e trocar informações com seus alunos/discentes, o mérito incutido nas entrelinhas de um profissional que leva o seu papel de educador muito além da sala de aula e do lápis e papel ou da cartilha/caderno embutido nos padrões escolares, mas sim o de fazer valer através muito mais de uma ótica sensata e não oprimida, fazer-se entender o seu educando no que ele realmente necessita naquele momento que, com certeza, não é apenas o direito a “passar de ano”, “receber um diploma”, “subir de nível”, mas vai muito além do estar/ser daquele instante.

REFERÊNCIAS

1. ABDELJALIL A e PERI M. A pedagogia crítica e emancipatória/libertadora de inspiração freireana. Educa, 2020; 45(20).
2. BARROS AS. Escolas Hospitalares como espaço de intervenção e pesquisa. Presente, 2008, e:16.

3. BRASIL. Ministério da Educação. Classe Hospitalar e atendimento Pedagógico domiciliar: estratégias e orientações. / Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC; SEESP, 2002.
4. BRASIL. Ministério da educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
5. BRASIL. Secretaria da Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial: Livro 1/MEC/SEESP – Brasília: a Secretaria, 1994.
6. CASTRO EK. Psicologia pediátrica: a atenção à criança e ao adolescente com problemas de saúde. Psicologia: Ciência e Profissão, 2007, 27(3).
7. CECCIM RB. Atendimento Pedagógico-educacional hospitalar: promoção do desenvolvimento psíquico e cognitivo da criança hospitalizada. Temas sobre Desenvolvimento. 1999; 7(42): 24-36.
8. CECCIM RB e CARVALHO PRA. Criança hospitalizada: a atenção integral como uma escuta à vida, Editora da UFRGS, 1997.
9. CECCIM RB e FONSECA ES. Classe hospitalar: buscando padrões referenciais de atendimento pedagógico-educacional a criança e ao adolescente hospitalizados. Revista Integração, MEC/SEESP, 1999, e:9.
10. DOMINGUES I. Conhecimento e Transdisciplinaridade. Editora UFMG. 2001.
11. FERREIRA ES e PESSOA ACRG. Acompanhamento Pedagógico Hospitalar a crianças com câncer em Processo de Alfabetização. Educação em Revista, 2023; 39.
12. FERREIRA MKM, et al. Criança e adolescente cronicamente adoecidos e a escolarização durante a internação hospitalar. Trabalho, Educação e Saúde, 2015; 13, e3.
13. FONSECA ES. Aspectos da ecologia da classe hospitalar no Brasil. Trabalho apresentado na 21ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 1998.
14. FONSECA ES. Atendimento escolar no ambiente hospitalar, 2003.
15. FONSECA ES. Classe Hospitalar: ação sistêmica na atenção Às necessidades pedagógico-educacionais de crianças e adolescentes hospitalizados. Temas sobre desenvolvimento, 1999; e44: 32-37.
16. FONSECA ES. Programa de Pesquisas para o desenvolvimento de estratégias ligadas aos direitos de crianças e jovens hospitalizados, 1995b.
17. FONTES RS. A escuta pedagógica à criança hospitalizada discutindo o papel da educação no hospital. Revista Brasileira de Educação, 2005.
18. FONTES RS e VASCONCELLOS VMR. O papel da educação no hospital: uma reflexão com base nos estudos de Wallon e Vygotsky. Caderno Cedes, 2007; e27.
19. GONÇALVES AG e BARONE BV. Planejamento Colaborativo na Classe Hospitalar: Contribuições para as Representações Sociais do Hospital sob a ótica das crianças hospitalizadas. Revista Brasileira de Educação Especial, 2023; e29.
20. LIBÂNEO JC. Diretrizes Curriculares da pedagogia: Imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores. Educação & Sociedade, 2006; e27.
21. MATOS ELM e MUGIATTI MMTF, Pedagogia Hospitalar: A Humanização integrando Educação e Saúde. Editora Vozes, 2009, e44.
22. MOURA TSA. Pedagogia Hospitalar: Entre os impasses e as possibilidades a partir da realidade do hospital Barão de Lucena, 2014.
23. ORTIZ LCM e FREITAS SN. Classe hospitalar: caminhos pedagógicos entre saúde e educação, 2005.
24. RIBEIRO CA e ANGELO M. O significado da hospitalização para a criança pré-escolar: um modelo teórico. Revista da Escola de Enfermagem da USP, 2005; e39.
25. ROCHA SM e PASSEGGI MC. Classe hospitalar: um espaço de vivências educativas para crianças e adolescentes em tratamento de saúde. Revista @mbiente Educação, 2010; e2.
26. SANTOS RBG, et al. A importância da classe hospitalar Semear do Recife no processo de continuidade da escolarização dos estudantes/pacientes com câncer. Rev Bra de Estudos Pedagógicos, 2019; e100.
27. SOARES JL. Ciência: o corpo humano. São Paulo: Moderna.
28. SILVA JL e SCHWAMBACH A. Pedagogia Hospitalar: a humanização da educação em ambientes de saúde.
29. SOUZA ZS e ROLIM CLA. As vozes das Professoras na Pedagogia Hospitalar: Descortinando Possibilidades e Enfrentamentos. Revista Brasileira de Educação Especial, 2019; e25.
30. TAAM R. Educação em enfermarias pediátricas. Ciência Hoje, 1997; e23.
31. THOMAZINE A, et al. Assistência de enfermagem à criança hospitalizada: um resgate histórico. Ciência Cuidado e Saúde, 2008; e7.
32. VYGOTSKY LS. A formação Social da Mente. Ed. Martins Fontes, 2002.
33. ZANNON CMLC . Desenvolvimento psicológico da criança: questões básicas relevantes à intervenção comportamental no ambiente hospitalar. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 1981.
34. TAAM R. Assistência pedagógica à criança hospitalizada. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, 2000.
35. SOARES MRZ. A criança hospitalizada: análise de um programa de atividades preparatórias para o procedimento médico de inalação (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, 2002.